

CENTRO UNIVERSITÁRIO DO CERRADO
PATROCÍNIO
Graduação em Psicologia

**PERCEPÇÃO DE MULHERES SOBRE AS CONSEQUÊNCIAS
PSICOPATOLÓGICAS DO ABUSO SEXUAL**

Paula Mariel Almeida

PATROCÍNIO
2017

PAULA MARIEL ALMEIDA

**PERCEPÇÃO DE MULHERES SOBRE AS CONSEQUÊNCIAS
PSICOPATOLÓGICAS DO ABUSO SEXUAL**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado como exigência parcial para
obtenção do grau de Bacharelado em
Psicologia, pelo Centro Universitário do
Cerrado Patrocínio.

Orientadora: Profa. Esp. Tereza Helena
Cardoso.

PATROCÍNIO
2017

FICHA CATALOGRÁFICA

Almeida, Paula Mariel.

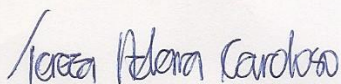
Percepção de mulheres sobre as consequências psicopatológicas do abuso sexual/Paula Mariel Almeida. – Patrocínio: Centro Universitário do Cerrado, 2017.

Trabalho de Conclusão de Curso – Centro Universitário do Cerrado Patrocínio. Curso de Psicologia.

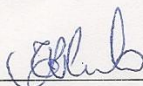
Orientadora: Profa. Esp. Tereza Helena Cardoso

1. Abuso Sexual. 2. Mulheres. 3. Psicopatologia.

Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “*Percepção de Mulheres Sobre as Consequências Psicopatológicas do Abuso Sexual*”, de autoria da graduanda Paula Mariel Almeida, aprovado pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:



Profa. Esp. Tereza Helena Cardoso – Orientadora
Instituição: UNICERP



Prof. Ma. Tatiane Coutinho Vieira de Melo
Instituição: UNICERP



Prof. Esp. Daniela Aparecida dos Reis
Instituição: UNICERP

Data de Aprovação: 15/12/2017.

Patrocínio, 15 de dezembro de 2017.

DEDICO este trabalho a Deus e aos meus pais, que tanto se esforçaram para que eu chegasse até aqui.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me dado a dádiva da vida, e a força necessária para encarar todos os obstáculos que já se passaram e que se seguem ao longo da vida.

A toda minha família indistintamente, por terem me dado uma base sólida, carinhosa e harmoniosa; sem isso, nada faria sentido.

Ao meu namorado que sempre se fez presente.

Aos meus amigos que estiveram sempre ao meu lado, nos bons e maus momentos, que me escutaram, me aconselharam e me mantiveram sempre de pé.

Com muito orgulho, agradeço a minha orientadora Profa. Esp. Tereza Helena Cardoso; sem ela nada disso teria acontecido, me fortaleceu, apoiou, me mostrou caminhos e não me deixou desistir, e também a Profa. Dra. e Coordenadora do Curso de Psicologia, Vanessa Cristina Alvarenga, sempre nos colocando para frente e abrindo novos caminhos.

E por fim, a todas as pessoas que diretamente ou indiretamente me ajudaram nessa caminhada.

Sexismo é a fundação onde toda tirania é construída. Toda forma de hierarquia e abuso é moldada a partir da dominação do macho sobre a fêmea.

Andrea Dworkin.

RESUMO

A violência e/ou abuso sexual contra as mulheres ocorre em todas as sociedades há séculos, e é sabido através de pesquisas, que a maioria das mulheres sofre violência por determinado tempo, e por não conseguirem mais resolver esta situação e com esperança de alcançar uma ajuda, acabam procurando a delegacia da mulher para prestar queixas. Mesmo assim, constata-se que, mesmo hoje em dia, poucos casos são notificados em Delegacias, ocorrendo grande número de subnotificações. Neste contexto é importante investigar como as mulheres percebem as consequências deste fato em suas vidas e se este episódio é visto como um agente causador de psicopatologias no presente. Independente desta resposta acredita-se ser importante o atendimento e acompanhamento psicológico para estas mulheres no sentido de que elas se capacitem para desenvolver ações de enfrentamento, pois, as consequências da violência não se restringem à vítima, mas também as famílias e consequentemente toda sociedade. O objetivo do trabalho foi analisar qual a percepção das mulheres vítimas de abuso sexual, com relação às consequências deste episódio em sua vida atual, identificar a ocorrência de psicopatologias e verificar os modos de enfrentamento utilizados pelas mesmas, nesta circunstância. Com relação à metodologia tratou-se de uma pesquisa qualitativa, descritiva, de campo, realizada na Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher “Marta Regina Queiroz Elias” da cidade de Patrocínio – MG. Foram participantes da pesquisa 03 (três) mulheres, na faixa etária de 19 a 49 anos, residentes na cidade de Patrocínio – MG, e que se definem como vítimas de violência e/ou abuso sexual. Para coleta de dados foi utilizada uma entrevista semiestruturada, posteriormente foi feita a transcrição literal dos dados e estes foram submetidos à análise de conteúdo. Os resultados obtidos sobre a perspectiva e percepção das mulheres que sofreram abuso e/ou violência sexual no passado, os dados corroboraram que as mesmas se percebem como responsáveis por danos psicológicos atuais em suas vidas. Observou-se também que as mulheres acreditam que o apoio psicológico poderia prepara-las melhor para atitudes de enfrentamento, e que as famílias, diante destes episódios, não dão o apoio que elas almejam. Conclui-se que os resultados obtidos neste trabalho confirmam os resultados de diversas pesquisas sobre o mesmo tema e favorecem a compreensão acerca das várias formas de violência contra as mulheres, as possíveis consequências e a percepção que cada uma tem de si mesma, diante de um episódio tão marcante ocorrido em suas vidas.

Palavras-Chave: Abuso Sexual. Mulheres. Psicopatologias.

ABSTRACT

The violence or women's sexual abuse happens in all societies for a long time and we know from surveys that most women suffer violence for a certain time and because of it, they cannot solve this situation. That's why the women search for help in the woman's station. Even so, it is observed that, even today, few cases are reported in police stations, with a large number of under notifications occurring. From this context it is important to investigate how women perceive the consequences of this fact in their lives and if this episode is seen as a causative agent of psychopathologies in the present. Regardless of this answer, it is believed that it is important to provide care and psychological counseling for these women in order to enable them to develop coping actions, since the consequences of violence are not restricted to the victim, but also to families and, consequently, to society as a whole. The objective of this study was to analyze the perception of women victims of sexual abuse regarding the consequences of this episode in their current life, to identify the occurrence of psychopathologies and to verify the coping methods used by them, in this circumstance. About the methodology, it is used a qualitative, descriptive, field survey was carried out at the Marta Regina Queiroz Elias Specialized Attendance Office in the city of Patrocínio - MG. A total of 03 (three) women, aged 19 to 49 years, living in the city of Patrocínio - MG, were identified as victims of violence and / or sexual abuse. To the data collection a semi-structured interview was used and later the data were transcribed literally and then submitted to content analysis. The results obtained on the perspective and perception of women who have suffered sexual abuse and / or sexual violence in the past, the data corroborate that they perceive themselves as responsible for current psychological damage in their lives. It was also observed that women believe that psychological support could better prepare them for coping attitudes, and those families, given these episodes; do not give the support they seek. It is concluded that the results obtained in this study confirm the results of several researches on the same theme and favor the understanding about the different forms of violence against women, the possible consequences and the perception that each one of itself has, so remarkable episode occurred in their lives

Keywords: Sexual Abuse. Women. Psychopathology.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 Distribuição das participantes quanto ao estado civil	27
Gráfico 2 Amostra das participantes quanto à escolaridade.....	28
Gráfico 3 Amostra das participantes em relação à ocupação profissional exercida.....	29
Gráfico 4 Porcentagem das participantes com relação ao número de filhos	30

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Idade das Mulheres	26
-----------------------------------	----

LISTA DE SIGLAS

CNJ	Conselho Nacional de Justiça
COEP	Comitê de Ética em Pesquisa
DEAM	Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher
GRAF	Gráfico
IBEG	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MG	Minas Gerais
OMS	Organização Mundial da Saúde
SP	São Paulo
TAB	Tabela
UNICERP	Centro Universitário do Cerrado Patrocínio

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 REVISÃO DE LITERATURA.....	15
2.1 Violência.....	15
2.2 Violência Contra a Mulher	16
2.3 Violência Sexual.....	17
2.4 Abuso Sexual.....	18
2.5 Consequências Psicológicas da Violência.....	20
3 OBJETIVOS	21
3.1 Objetivo Geral	21
3.2 Objetivos Específicos	21
4 METODOLOGIA.....	22
4.1 Tipo da Pesquisa.....	22
4.2 Cenário da Pesquisa.....	23
4.3 Participantes da Pesquisa.....	23
4.4 Técnica de Coleta de Dados	24
4.5 Procedimentos de Análise de Dados	24
4.6 Aspectos Éticos	25
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	26
5.1 Perfil Sócio Demográfico	26
5.2 Abuso e Psicopatologias.....	30
5.3 Percepção Psicológica	33
5.4 Abuso e Enfrentamento	34
5.4.1 Violência.....	35
5.4.2 Denúncia e Delegacia da Mulher.....	37
5.4.3 A importância do Apoio Familiar.....	38
5.4.4 A importância do Acompanhamento Psicológico	40
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS	45
APÊNDICES	48
ANEXOS	54

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa almejou conhecer as consequências psicológicas de mulheres que já passaram por abuso sexual a partir de sua percepção diante de tal acontecimento. Ressalta-se que estudos realizados em diferentes partes do mundo sugerem que 7,36% das meninas e 3,29% dos meninos sofreram abuso sexual (PFEIFFER, SALVAGNI, 2005). No Brasil, o Ministério da Saúde demonstra que menos de 10% dos casos de abuso sexual são notificados nas Delegacias, apesar dos dados mostrarem números muito altos de estupro, como a existência de 11.000 deles em Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher (DEAM) de 12 cidades do país (BRASIL, 2001 apud SOUZA et al., 2005).

Mesmo assim, estas porcentagens citadas revelam um número estimado, pois, a complexidade desde tipo de ocorrência leva a um número subnotificado, já que as vítimas sentem medo de denunciar esta situação abusiva (SILVA et al., 2013).

Segundo Deslandes e Lima (2014), mesmo sendo a nação signatária dos acordos internacionais que se manifestam contra a violência da mulher, o Brasil vive uma realidade duvidosa, onde muitos registros subnotificados demonstram que o problema é vasto e configura-se como uma questão de segurança pública – posto que é uma violação, e de saúde pública, pois atinge a integridade física e mental destas mulheres, comprometendo ainda o desenvolvimento das capacidades das famílias e comunidades.

A ausência das notificações pode ser explicada também pelo fato da violência sexual ser mediada por fatores intrínsecos à vítima, como por exemplo, a relação da vítima com o agressor, as características pessoais, as estratégias usadas, o tipo de pressão no momento da revelação do segredo de abuso, formas sociais, ausência de apoio familiar, a punição que o violador recebe e a maneira como os familiares da vítima reagem frente à situação abusiva (ANTUNES, 2011; ROSENTHAL et al., 2003; SHAPIRO et al., 1999 apud SILVA et al., 2013).

Partindo desse contexto, a presente pesquisa tem como questionamento: Será que episódios de abuso sexual vivenciados pelas mulheres no passado são percebidos por elas como responsáveis por danos psicológicos atuais? Acredita-se que as mulheres

que vivenciaram abuso sexual realmente percebem este fato como causador de danos psicológicos no presente, e que os mesmos danos psicológicos as tornam mais susceptíveis a desenvolver psicopatologias.

A violência contra as mulheres é uma experiência acarretada por todo o mundo e com sérias complicações para a saúde pública. Assim, a Organização Mundial da Saúde nos traz que:

A violência contra as mulheres pode levar diretamente a traumatismos sérios, incapacidades e óbitos, e indiretamente a uma variedade de problemas de saúde como mudanças fisiológicas induzidas pelo estresse usam de substâncias ou falta de controle sobre a fertilidade e autonomia pessoal como observado frequentemente em relacionamentos abusivos. As mulheres que sofreram abusos têm altas taxas de gravidez não desejada, de abortos, desfechos neonatais e infantis adversos, infecções sexualmente transmissíveis (incluindo o HIV) e transtornos mentais (como depressão, transtornos de ansiedade, do sono e alimentares), em comparação com seus pares que não sofreram abusos. Grande parte da violência contra as mulheres é perpetrada por parceiros íntimos masculinos. Um estudo da OMS em 11 países evidenciou que entre 15% e 71% de mulheres, dependendo do país, sofreram violência física ou sexual por parte do marido ou parceiro e que entre 4% e 54% a vivenciaram no último ano (WHO, 2011, p.55-56).

Os estudos, discussões e leituras no curso de Psicologia sobre o tema proposto, instigou esta pesquisadora a investigar a percepção das mulheres que foram vítimas de abuso sexual, e se elas acreditam que este episódio é um agente causador de psicopatologias na fase atual de suas vidas. Pretende-se com esta pesquisa contribuir para estudos relacionados à violência contra as mulheres, e que outros pesquisadores possam vir a se interessar pela relevância do tema proposto.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Violência

A violência possivelmente, sempre perpetuou na existência humana. Seu efeito é reconhecido mundialmente de diversas maneiras. Todo ano milhões de pessoas perdem sua vida, e outras mais sofrem atos mortais que resultam das autoagressões e das violências compartilhadas. Em um modo amplo, ressalta-se que a violência é a causadora de morte entre muitas pessoas com a idade de 15 e 44 anos no mundo todo (DAHLBERG, KRUG, 2002).

Autores como Boris, Moreira e Venâncio (2011), mostram que:

A violência pode ser compreendida como fenômeno que perpassa todo o ordenamento social, tanto no âmbito institucional-político, econômico, cultural, educacional, policial e étnico-racial - quanto nas relações interpessoais - familiar, doméstica, física, sexual, psicológica, moral, simbólica, entre outras (p.399).

A violência possui manifestação desde as primícias da existência humana, sendo entendida como um resultado de relações irregulares, comumente a materialização de oposições entre as nações; ou resultante de pessoas que se veem diante de alguma perda física, econômica, cultural ou emocional (BORIS, MOREIRA, VENÂNCIO, 2011).

Mesmo estando a violência presente em todos contextos culturais, a humanidade não deve concordar como sendo este um ângulo fatal sobre a condição humana (DAHLBERG, KRUG, 2002).

Não existe um único fator que irá explicar o motivo de alguns indivíduos terem o comportamento violento com outros indivíduos ou o porquê da violência ser comum em algumas comunidades e outras não. A violência é a soma das interações individuais, relacionais, sociais, culturais e ambientais que o ser humano possui (DAHLBERG, KRUG, 2002).

A violência praticada por parceiros íntimos contra as mulheres também é um fato muito comum em diversas culturas e retrata as relações de poder entre homens e mulheres, não sendo apenas relacionado com os assuntos de gênero da sociedade, mas, também, com o delito de direitos humanos contra as mulheres. Assim, as formas de violência manifestadas e infringidas contra as mulheres, evidenciam uma difusão de responsabilidades e, ao mesmo tempo, denunciam a essencial necessidade de criação de políticas públicas que possam minimiza-las (BORIS, MOREIRA, VENÂNCIO, 2011).

Importante definir o conceito de violência contra as mulheres, da forma como é avaliado: “qualquer ação ou conduta baseada no gênero, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico às mulheres, tanto no âmbito público como no privado” (BORIS, MOREIRA, VENÂNCIO, 2011, p.399).

Neste contexto, outras formas de assédios, como meios de coagir a vítima a se submeter a uma situação de hierarquia de poder em situações diversas, como em escolas ou trabalho, também são intitulados como expressões de violência (DAHLBERG, KRUG, 2002).

2.2 Violência Contra a Mulher

Segundo a CNJ (Conselho Nacional de Justiça), sobre a lei nº 11.340/2006, são formas de violência contra a mulher:

I - a violência física, entendida como qualquer conduta que ofenda sua integridade ou saúde corporal; II - a violência psicológica, entendida como qualquer conduta que lhe cause danos emocionais e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação; III - a violência sexual, entendida como qualquer conduta que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos; IV - a violência patrimonial, entendida como qualquer conduta que configure retenção,

subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades; V - a violência moral, entendida como qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria (s/p/).

Assim sendo, na violência executada por parceiros íntimos contra as mulheres, se incluem também uma gama de fatores socioculturais, podendo este fato ser confirmado através de expressões culturais como músicas, piadas, ditos populares pejorativos com relação às mulheres, críticas e descaso aos movimentos feministas, dentre outras várias manifestações, que demonstram um sentido desrespeitoso, preconceituoso e desagradável (BORIS, MOREIRA, VENÂNCIO, 2011).

Com o mesmo sentido destes fatores que se relacionam às agressões feitas pelos parceiros íntimos, observa-se ainda, uma estreita relação entre violência e consumo de álcool e drogas por parte desses homens. Pesquisas demonstram que as mulheres não associam o uso de álcool e drogas como sendo importantes fatores causadores da violência masculina, apoiando-se ainda no argumento da velha ideologia da dominação de um sexo sobre o outro. Assim, a violência cometida pelos parceiros é com bastante frequência, percebida pelas vítimas, como uma condição indesejável, porém pontual, embora isto não signifique que estas mulheres se considerem vítimas em todo instante (BORIS, MOREIRA, VENÂNCIO, 2011).

Com certeza, a violência contra as mulheres não é uma realidade de fácil solução, pois exige compreensão e resolutividade multifatoriais, onde se incluem ações do Estado, e políticas públicas que possam garantir às mulheres ações judiciais eficientes, segurança, trabalho, autonomia financeira, moradia digna, entre outras necessidades fundamentais. Importante citar que a violência contra as mulheres se apresenta como um problema estrutural, que para ser minimizado, requer importantes mudanças culturais, inclusive, não sendo o bastante as políticas públicas, mas também, à partir de mudanças de comportamentos que acarretem valores de respeito, autonomia e igualdade de oportunidades entre homens e mulheres em todas as instâncias, inclusive nos setores públicos ou privados (BORIS, MOREIRA, VENÂNCIO, 2011).

2.3 Violência Sexual

A violência sexual é um assunto de interesse mundial, existindo várias conceituações para esta particularidade da violência. Krug e Dahlberg (2002), definem violência sexual como sendo atos e tentativas ou investidas que não sejam desejáveis para o sujeito violentado, podendo ser praticados por qualquer indivíduo, mesmo não possuindo relação com a vítima, e em qualquer contexto que se encontra. Inclui-se também atos libidinosos forçados com penetração forçada, que podem ser vistos em relacionamentos esporádicos ou permanentes, como um namoro ou até em um casamento.

No Brasil, juridicamente ainda são entendidos como “atentados ao pudor”, os atos de práticas sexuais sem a penetração, e que distinguem de coerção, exibicionismo e voyeurismo, pornografia, prostituição forçada, mutilação genital forçada e tráfico sexual de meninos, meninas e mulheres. As nomeações também são variadas, e se incluem como crimes sexuais, abusos sexuais, agressões sexuais e violências sexuais (SCHRAIBER, D’OLIVEIRA, JUNIOR 2008).

De acordo com Hirigoyen (2006), a violência física pode ser entendida como ato realizado na intenção de infringir dano físico para outra pessoa, podendo partir de um pequeno empurrão até aumentar na intensidade de maus tratos chegando a casos de óbito a vítima. Neste contexto, a violência sexual também é uma forma de violência gradativa, onde as mulheres possuem maior vergonha e dificuldade de denunciar, pois geram ironias, preconceitos além de expor sua intimidade. Reiterando que se define como violência sexual um jeito a ser usado pelo sujeito para coagir o outro a se sujeitar aos atos sexuais pela força, para a obtenção do prazer sexual.

Esta forma de violência é considerada grave, pois se desdobra em diversas outras formas de violência como estupro, por exemplo, e que acabam por muitas vezes as mulheres passarem a encarar a violência sexual “como um dever conjugal, ou seja, como um direito do homem e uma obrigação de submeter-se para a mulher” (HIRIGOYEN, 2006, p.48).

2.4 Abuso Sexual

A palavra abuso é comumente utilizada na literatura médica, muitas vezes denotando os casos que não possuem penetração. Tem a significação “assalto sexual”,

com a tradução de sexual assault, de cunho restrito à língua inglesa (SCHRAIBER, D'OLIVEIRA, JUNIOR 2008).

O abuso sexual infantil envolve o poder, coação e/ou sedução, envolvendo também duas desigualdades simples: a de gênero e a de geração. O abuso sexual infantil é geralmente feito sem o uso da força física, gerando assim nenhuma marca visível, dificultando então a comprovação do ocorrido, pois, se trata principalmente de crianças pequenas. Ele varia sobre os atos que envolvem contato sexual com ou sem a penetração e os atos que não envolvem contato sexual (ARAÚJO, 2002).

Gabel (1997), refere-se que o abuso contém uma disfunção em níveis de poder: a ideia de poder, como abuso de poder ou esperteza, e o abuso de confiança, com uma caracterização diferenciada de crime, e que inclui as noções de intenção e premeditação.

Um, o poder exercido pelo grande (forte) sobre o pequeno (fraco).
Dois, a confiança que o pequeno (dependente) tem no grande (protetor); e três, o uso delinquente da sexualidade, ou seja, o atentado ao direito que todo indivíduo tem de propriedade sobre o seu corpo (p.10).

Uma categoria que emerge do abuso sexual pode ser claramente entendida como o incesto, que geralmente dura um maior tempo, e pode ser realizado com o consentimento e mantendo segredo, por parte de outros membros da família. Na cultura brasileira, o incesto é um feitiço de abuso sexual mais constante, sendo o que provoca maiores consequências no nível psíquico, sendo seriamente danoso às vítimas. O incesto é definido como aquele ato de violência sexual onde o violentador possui algum laço familiar com a vítima, seja sanguíneo ou não, mas que possua relação pessoal próxima a vítima, ou que detenha a sua guarda (AZEVEDO, 2001).

É difícil o enfrentamento para todas as partes envolvidas deste fenômeno do abuso sexual: para a criança e para a família da criança, pois, denunciando o abuso, se coloca em exposição à violência que ocorre dentro do próprio seio familiar. Muito difícil também para os profissionais, que infelizmente muitas vezes não sabem ou não conseguem reagir efetivamente diante do problema (ARAÚJO, 2002).

Portanto, o abuso sexual infantil é um problema complexo que envolve vários requisitos legais de proteção à criança e punição ao agressor, como também envolve a atenção da saúde física e mental da criança, tendo em vista as consequências psicológicas acarretadas desta situação abusiva. Tais consequências são ainda intimamente relacionadas à condição de: idade da criança, tempo de duração do abuso;

condições envolvendo violência e ameaças; o grau de proximidade do agressor e ausência de figuras parentais protetoras (ARAÚJO, 2002).

2.5 Consequências Psicológicas da Violência

No que se refere aos danos psicológicos da violência, liga-se o fato de muitas vezes ela ser sutil, começando o envolvimento apenas com um olhar de desprezo ou reprovação, palavras ofensivas como ameaças, gritos e insultos, humilhação, tensão e falta de segurança, circunstâncias que irão gerar consequências para toda vida (BORIS, MOREIRA, VENÂNCIO, 2011).

Geralmente o abuso sexual é acompanhado por outras formas de violência, principalmente a violência física. Com isto, Hirigoyen (2006), ressalta que:

A violência psicológica é negada pelo agressor, bem como pelas testemunhas, que nada veem o que faz a própria vítima duvidar daquilo que a magoa tão profundamente. Nada vem lhe dar provas da realidade do que ela sofre. É uma realidade “limpa”. Nesse estágio, nada é visível. Ao passo que, quando há violência física, elementos exteriores (exames médicos, testemunhas oculares, inquéritos policiais) dão testemunho da veracidade da violência (p. 42-43).

Por ser infringida sutilmente, de forma a não deixar marcas corporais, a violência psicológica contra as mulheres, mesmo sendo denunciada, é difícil ser comprovada, a não ser que haja alguma testemunha, construindo desse modo um limite de denúncia para mulheres que são submetidas aos maus tratos comuns (BORIS, MOREIRA, VENÂNCIO, 2011).

Em suas várias formas de violência contra as mulheres, crianças e idosos ressaltam-se os problemas físicos, psicológicos e sociais inerentes a esta situação e que não aparecem necessariamente em ferimentos, incapacidades ou morte. Estas consequências podem ser ágeis ou longas, podendo durar muitos anos após o ato abusivo inicial. Definir, portanto, a violência e/ou o abuso sexual somente em termos de consequência de ferimentos ou morte, é restringir a totalidade de compreensão de violência sexual em indivíduos, em comunidades e na sociedade em geral (DAHLBERG, KRUG, 2002).

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo Geral

Analisar qual a percepção das mulheres vítimas de abuso sexual, com relação às consequências deste episódio em suas vidas atuais.

3.2 Objetivos Específicos

Identificar a ocorrência de psicopatologias nas vivências atuais de mulheres vítimas de abuso sexual;

Verificar os modos de enfrentamento utilizados por mulheres vítimas de violência sexual;

Descrever aspectos clínicos de adoecimento ou empoderamento de mulheres com histórico de abuso sexual.

4 METODOLOGIA

4.1 Tipo da Pesquisa

A presente pesquisa teve como característica ser uma pesquisa de campo, qualitativa e no que se refere à abordagem e aos objetivos, tratou-se de uma pesquisa de cunho descritivo, uma vez que se pretendeu compreender a percepção de mulheres sobre as consequências psicopatológicas do abuso sexual em suas vidas atuais.

A pesquisa de campo é caracterizada por utilizar objetivos para conseguir informações e conhecimentos a respeito de um problema no qual procuramos uma resposta, ou da hipótese que gostaríamos da comprovação, e ainda conhecer novos fenômenos e as relações entre eles. Baseia-se na observação de fatos e fenômenos de modo que ocorrem realmente, na coleta de dados referentes a eles e no registro de circunstâncias que consideramos importantes, para analisá-los (PRODANOV, FREITAS, 2013).

Já as pesquisas denominadas qualitativas consideram que há um processo entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo pertencente entre o mundo objetivo e a individualidade do sujeito que não poderá ser representado em números. A compreensão dos fenômenos e a concessão de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. A pesquisa, não requisita o uso de métodos e técnicas estatísticas, assim, o ambiente natural é a relação direta entre a coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. A pesquisa assim sendo também é descritiva, pois os pesquisadores analisam os dados indutivamente, logo seu processo e seu significado são os focos principais da abordagem (PRODANOV, FREITAS, 2013).

Como uma pesquisas descritiva, este trabalho tem como propósito essencial à exposição de características de determinada população ou fenômeno, que estabelecem relações entre variáveis. São muitos estudos que poderão ser organizados sob este título, e a característica mais significativa está no emprego de técnicas padronizadas de coletas de dados, com exemplo, o questionário e a observação sistemática (GIL, 2002).

4.2 Cenário da Pesquisa

A pesquisa foi realizada no município de Patrocínio, que se situa na Região do Alto Paranaíba, no estado de Minas Gerais, com uma população segundo uma última estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2017), que compreende em 89.983 habitantes.

Os dados da pesquisa foram coletados na Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher “Marta Regina Queiroz Elias”, esta que é referência no atendimento à mulher vítima de violência da cidade de Patrocínio-MG e região de sua jurisdição, tendo como objetivo assegurar atendimento digno à população feminina, vítima de violência doméstica e familiar. O serviço é oferecido por meio das atividades de investigação, prevenção e repressão aos delitos praticados contra as mulheres do referido município e região.

4.3 Participantes da Pesquisa

Considerando que o objetivo geral da pesquisa foi analisar a percepção das mulheres vítimas de abuso sexual e as consequências deste episódio em suas vidas atuais, sob a orientação de profissional da Delegacia Especializada de Atendimento a Mulher “Marta Regina Queiroz Elias”, foi realizado levantamento de dados e possíveis participantes, referentes a este tema. Inicialmente foi previsto a abordagem de 10 (dez) mulheres com histórico de abuso sexual, na faixa etária entre 18 (dezoito) e 60 (sessenta) anos, sem nenhuma distinção de religião, raça, classe social ou qualquer outra característica pessoal, que compareceram na Delegacia da cidade de Patrocínio-MG.

Devido a algumas dificuldades e imprevistos, como o não comparecimento de participantes previamente agendadas, além da dependência de profissionais de uma instituição pública, com excessos de trabalhos de urgências e pouco quadro de profissionais, a pesquisa foi restrita a 03 (três) participantes mulheres, sendo 02 (duas) com o histórico de violência sexual e uma com histórico de abuso sexual infantil. Neste contexto, os autores Cavalcante, Calixto e Pinheiro (2014), afirmam que na pesquisa qualitativa, tendo como método a análise de conteúdo, a essência não está na

quantificação, mas sim, na análise do fenômeno em profundidade, relacionando subjetividades, relações e comunicações na malha social.

Para determinar as participantes da pesquisa que encaixavam no respectivo perfil, a pesquisadora primeiramente solicitou autorização da Delegada de Polícia Civil responsável (ANEXO A). Mediante a autorização da Delegada de Polícia Civil (ANEXO B), e conforme orientação da mesma, a pesquisadora entrou em contato com a escrivã da referida Delegacia, que orientou a pesquisadora nesta definição de participantes. A pesquisadora teve um espaço liberado nas dependências da Delegacia para as realização das entrevistas, porém estas, por escolha e preferência das participantes, foram realizadas em suas respectivas residências. Com o consentimento prévio, as entrevistas foram gravadas, possibilitando transcrição literal das falas das mulheres participantes.

4.4 Técnica de Coleta de Dados

Os dados foram coletados de forma individual, por meio de uma entrevista semiestruturada elaborada pela pesquisadora, (APÊNDICE A), o que possibilitou às entrevistadas expressarem pessoalmente e com tranquilidade sua percepção em relação às suas vivências nos episódios de abusos sofridos. A pesquisadora realizou as entrevistas certificando a confidencialidade e preservando o anonimato das mesmas que receberam nomes fictícios.

De acordo com Berger (2003), a entrevista semiestruturada permite ao pesquisador levantar informações por meio das falas dos atores sociais, sujeitos da pesquisa que vivenciaram uma estipulada realidade que está sendo estudada na pesquisa. O modelo da entrevista semiestruturada é pertinente no estudo do conteúdo proposto pela pesquisa, por promover a utilização de um roteiro que irá associar questões anteriormente formuladas pela entrevistadora com alguns temas abertos à exploração da própria entrevistada, que poderá falar livremente em um modo profundo sobre situações que vivenciou.

4.5 Procedimentos de Análise de Dados

Após a aplicação da entrevista semiestruturada, foi realizada a interpretação dos dados por meio de uma análise de conteúdo. A análise de conteúdo estabelece uma metodologia de pesquisa que é usada para caracterizar e esclarecer o conteúdo de toda classe de documentos de textos. Esta análise, acompanhando as apresentações sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, permite reinterpretar mensagens, compreendendo seus significados, além da leitura comum (MORAES, 1999).

Em um aspecto qualitativo, a análise de conteúdo, entra em uma série de hipóteses, os quais, no exame de um texto, servem de suporte para atrair seu sentido metafórico. Esse sentido muitas vezes não é revelado e o seu significado não é único, assim, poderá ser destacado em funções de diferentes ângulos (MORAES, 1999).

4.6 Aspectos Éticos

Esta pesquisa está de acordo com a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, a qual estabelece as diretrizes para a pesquisa envolvendo seres humanos. O mesmo foi submetido à avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa do UNICERP (COEP/UNICERP) e a coleta de dados somente foi realizada após aprovação do COEP/UNICERP (ANEXO C) e da assinatura do Termo de Consentimento Livre após Esclarecimento (APÊNDICE B).

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A amostra que representa o estudo foi exclusivamente voluntária, constituindo-se de um total de 03 (três) participantes que foram vítimas de violência e/ou abuso sexual na cidade de Patrocínio/MG. Inicialmente será apresentado o perfil sócio demográfico, e em seguida as categorias de estudo que foram divididas e intituladas da seguinte forma: abuso e psicopatologias, percepção psicológica, abuso e enfrentamento; violência; denúncia e delegacia da mulher; a importância do apoio familiar e por último a importância do acompanhamento psicológico. Ao longo da discussão e apresentação dos resultados, as participantes serão identificadas através de nomes fictícios (Rosa Vermelha, Orquídea e Margarida), conservando assim, o sigilo da identidade de cada uma delas.

5.1 Perfil Sócio Demográfico

A seguir será apresentado o perfil sócio demográfico das participantes da pesquisa. Numa primeira observação ressaltam-se nos dados obtidos aspecto relevante com relação à idade das participantes, correspondente entre 19 a 49 anos, o que demonstra que a violência alcança mulheres de idades diversificadas, não se limitando apenas a uma faixa etária, mas que ao contrário, atinge mulheres jovens até mulheres com idade mais avançada, como é apresentado na TAB.1.

Tabela 1: Idade das mulheres

Mulheres	Idade
Rosa Vermelha	19
Orquídea	41
Margarida	49

Fonte: Dados da pesquisa

Pode-se analisar a TAB.1 relacionando-os aos dados coletados na pesquisa de Rangel e Oliveira (2010), realizada com 278 mulheres vítimas de agressão, e que demonstrou que 70% das mulheres vítimas de violência/abuso se encontravam no auge da sua vida produtiva, equivalente a 25 e 49 anos; deste total, 48% encontravam-se com idade de 25 e 39 anos, e 22% na faixa de 40 e 49 anos. Ressalta-se que as mulheres jovens, aquelas com menos de 25 anos, correspondem por 18% do total. Mostra-se assim, a discrepância entre as idades das mulheres que sofrem ou sofreram violência e/ou abuso sexual.

Quando ao estado civil, das participantes da pesquisa, 100% eram casadas oficialmente; porém, 75% se consideram separadas após ter vivenciado a situação de violência, e 25% se intitulam casadas, como se pode conferir no GRAF.1.

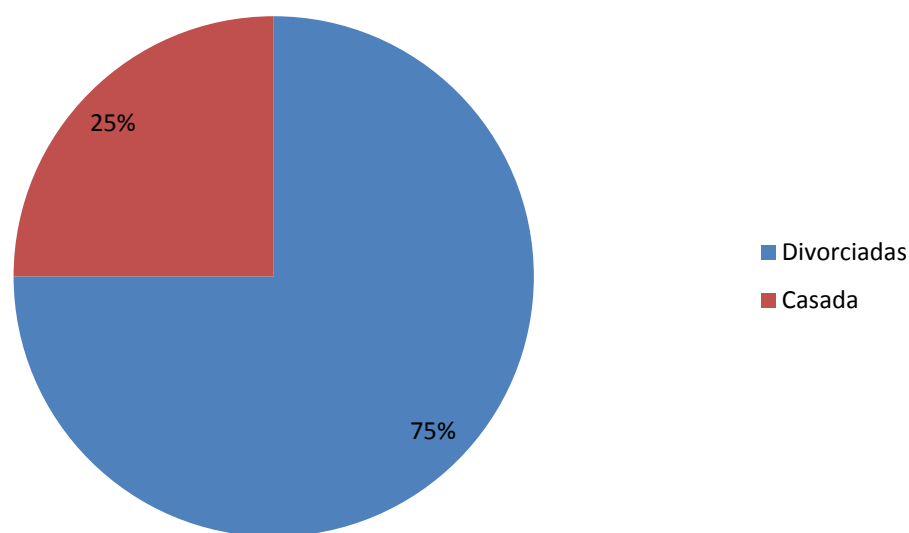


Gráfico 1 – Distribuição das participantes quanto ao estado civil

Fonte: Dados da pesquisa

Guimarães (2010), em sua pesquisa afirma que deparou com mulheres casadas, solteiras e divorciadas, mostrando-se, portanto que a violência acontece no namoro permanece no casamento e muitas vezes, avança até a separação.

Pesquisa realizada por Moura et al., (2009), com 278 mulheres com idade entre 15 e 49 anos habitantes de uma área metropolitana de Brasília, certifica o dado apresentado, pois, nos mostra que 83% das vítimas era casadas ou viviam em uma união estável.

Assim, percebe-se que grandes partes das mulheres que vivenciaram uma situação de violência possuíam um relacionamento estável, o que pode nos caracterizar uma maior evidência da violência no próprio espaço familiar.

A partir dos dados coletados, foi possível observar que a escolaridade das participantes ganha um espaço diversificado, onde 34% possui ensino fundamental incompleto, 33% ensino médio incompleto e 33% ensino médio completo, demonstrando mais uma vez, que a violência transcende os limites da educação, o que pode ser exposto no GRAF.2.

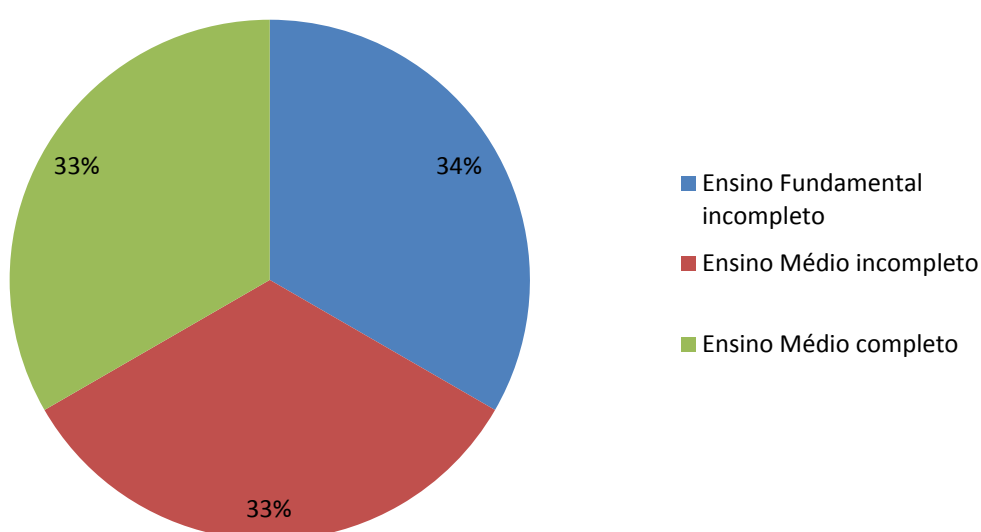


Gráfico 2 – Amostra das participantes quanto à escolaridade

Fonte: Dados da pesquisa

Na pesquisa realizada por Moura et al., (2009), sobre os tipos de violências e comportamentos exercidos pelos parceiros íntimos, no que se refere a escolaridade, ressaltou-se que 33,17% das mulheres continham ensino médio completo, seguido de 29,38% das participantes com ensino fundamental completo e por último 27,48% com ensino fundamental incompleto.

Conclui-se assim, que tanto mulheres que possuíram algum acesso à educação de qualidade, quanto outras que não tiveram sequer oportunidade de terminar o ensino fundamental e/ou ensino médio, podem se tornar vítimas de crueldade e violência.

O GRAF.3 configura o percentual da ocupação profissional de cada participante, considerando que, na presente pesquisa, cada participante possui uma função diferente, sendo uma do lar, uma auxiliar de serviços gerais e uma secretária.

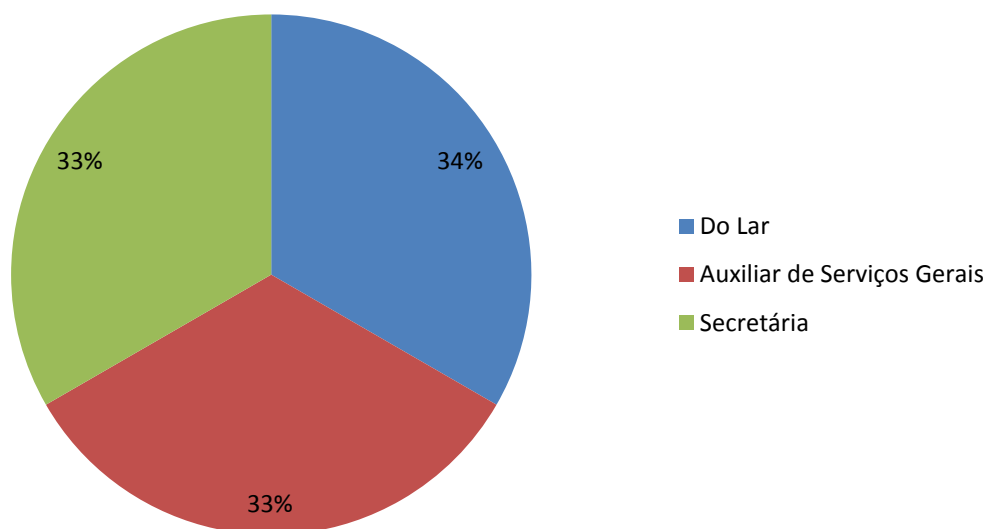


Gráfico 3 – Amostra das participantes em relação à ocupação profissional exercida

Fonte: Dados da pesquisa

Marinheiro et al., (2006) constatou em pesquisa realizada em um centro de saúde distrital de Ribeirão Preto (SP) que a ocupação profissional das participantes variava entre desempregadas, e as que se referiam como sendo do lar, perfazendo um total de 41,9%. Este resultado contradiz com os resultados obtidos nesta pesquisa, onde a maior parte das mulheres relatou trabalhar fora de casa, sendo assim, não totalmente dependentes dos agressores.

Em relação à quantidade de filhos foi possível observar no GRAF.4 que 75% das participantes possuem filhos, enquanto 25% não possui filhos. Dentre as que possuem filhos, uma possui dois filhos e outra três filhos.

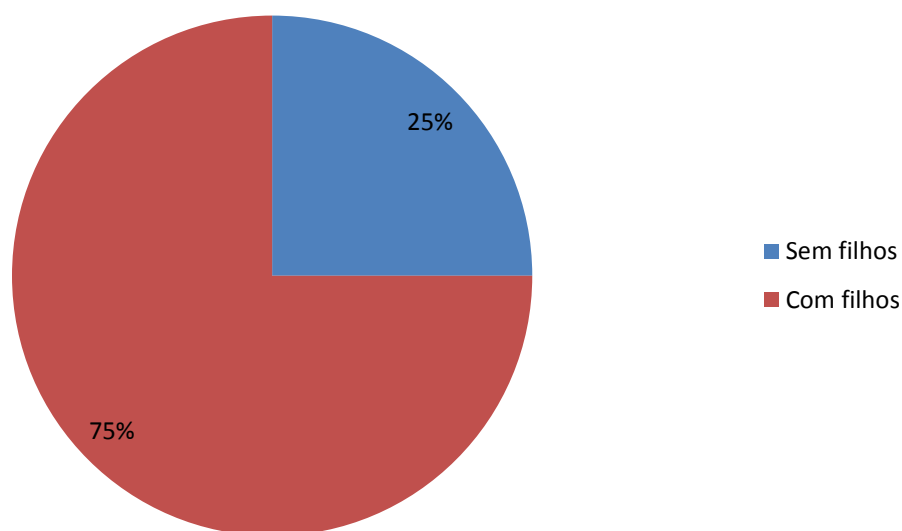


Gráfico 4 – Porcentagem das participantes com relação ao numero de filhos
Fonte: Dados da pesquisa

Os dados demográficos do estudo mostraram que a violência afeta mulheres mães ou não, com idades variadas, de diferentes níveis educacionais e econômicos. Nesse mesmo sentido, o Programa Mundial sobre Provas Científicas para as Políticas de Saúde (OMS), retrata que a violência contra a mulher é típica em todos os lugares do mundo, não havendo distinção na raça, classe social, idade, origem ou religião (BRASIL, 2011).

5.2 Abuso e Psicopatologias

Na perspectiva da violência e/ou abuso sofrido referente à psicopatologia, encontramos as formas de circunstâncias ocorridas contra as participantes, como segue nas falas:

Uma vez ele me jogou na cama e praticou né, fez a força, fazer o que né, uma mulher pra o homem... (Margarida).

Ele montava, e fazia as coisas, eu virava a cara colocava o travesseiro por cima e lágrimas descia, oh minha filha aquilo ali não foi só uma ou duas vezes não, e ele falava assim, você tá chorando de achar bom, desse jeito, ai falei você é um psicopata homem, você precisa é de tratamento, eu falava que não queria, mas mesmo assim ele ficava, nossa aquele trem pra mim, menina eu não aguentava, eu chorava

chorava e falava eu não quero não quero aí ele falava assim pode deixar que eu faço sozinho, falava desse jeitinho menina, você é doente, eu falava desse jeito pra ele (Orquídea).

A mulher que sofre violência é colocada em muitas situações de risco com bastante facilidade em comparação a outros comportamentos, como por exemplo, a depravação, a tentativa de suicídio, além do próprio sentimento da culpa, sinalizando a autopunição (SANT'ANNA E BAIMA 2008).

Com isto, as consequências perpetradas pela violência sexual podem ser caracterizadas continuamente por um longo período, variando de consequências físicas e psicológicas. O impacto que se sofre na área genital ou nas outras partes pelo corpo, pode estar presente ou não, pois, o agressor pode se dispor de uma forte arma ou ser uma pessoa mais forte do que a vítima, ocorrendo assim, a não possibilidade de se combater a resistência. Essas lesões nas genitálias podem ser observadas com mais regularidade em crianças e mulheres com idade avançada, incluindo assim, lacerações, hematomas, equimoses e edema, lesionando os lábios menores e o hímen. Nesse caso, estas agressões incluem lesões na vagina, períneo, ânus e reto (FAÚNDES et al., 2006).

Aí menina eu estou com uma mancha no útero, aí agora vem sangramento direto, mas graças a Deus não tem homem pra ficar montando agora graças a Deus, às vezes ele montava com o jeito estabonado e o sangue descia (Orquídea).

No ângulo das consequências psicológicas, essas são muito versáteis, pois, cada mulher percebe de uma forma singular, a agressão sexual. Os transtornos psicológicos são abundantes, e são nomeados pelas mulheres como depressão, fobias, ansiedade, além do uso de drogas, diligência de suicídio, síndromes de estresse pós-traumático ou trauma de estupro (FAÚNDES et al., 2006).

Dentro das respostas encontradas na presente pesquisa, destaca-se as consequências psicológicas de culpa e medo, onde a maioria das participantes relatou sentir medo e culpa depois de ter passado pela experiência de violência sexual.

Dava a hora de ir embora, umas três vezes eu descia do coletivo, e quando eu já descia eu começava a chorar e ia chorando até lá em casa, mas eu não queria ir pra não ver a cara dele, eu fui tomando um trauma, um trem, um medo um medo de deitar com ele, de pensar assim meu Deus esse homem vai montar por cima de mim e eu não vou aguentar meu Deus, eu não quero (Orquídea).

Psicológica ficou o medo, porque assim, igual eu te falei, eu ia embora e já pensava assim, meu Deus do céu hoje ele vai me encher o saco na cama, ele vai me procurar, meu Deus eu não quero dar pra ele, mas se eu não der ele não deixa eu dormir (Orquídea).

À noite eu não conseguia dormir, eu ficava acordada a noite toda porque qualquer barulhinho eu acordava assustada com medo (Rosa Vermelha).

Eu evito sair na rua sozinha, eu evito ir aos lugares sozinha, porque as vezes o medo, por mais que você vai tentando superar aos poucos, não é de uma hora pra outra é aos pouquinhos, você ainda fica com receio de homem de um lado e do outro, quando eu vejo eu fico olhando fico pensando ai meu deus, as vezes eu estou na rua sozinha ou em algum lugar eu fico preocupada, eu fico preocupada com medo de acontecer o que aconteceu comigo com os meus irmãos (Rosa Vermelha).

E porque eu também não me sentia mais a mesma pessoa, eu tinha nojo, tinha raiva de mim mesma, culpa eu ficava me perguntando todo dia o que eu tinha feito pra ele fazer isso comigo, o que eu fiz pra ele, o porquê que ele escolheu fazer isso comigo, só ficava pergunta na minha cabeça, só ficava me perguntando o porquê que eu tinha que passar por tudo isso, eu não era mais a mesma criança, minha infância nunca mais foi à mesma, eu nunca mais me senti criança (Rosa Vermelha).

Importante salientar que uma criança que passa pelo abuso pode apresentar não somente transtornos psicopatológicos, mas também pode sofrer transformações comportamentais, cognitivas e/ou emocionais, além de condutas “hipersexualidade”, uso de substâncias, fugas do lar e furtos (HABIGZANG et al., 2008).

Depois que ele fez isso comigo eu também assim eu pegava dinheiro dele pra ver se superava aquilo que ele fez comigo, eu ia na carteira dele, eu ensinei meus irmãos a ir na carteira dele pegar o dinheiro dele pra ver se superava aquela dor minha mas mesmo assim eu nunca superei (Rosa Vermelha).

Faúndes et al., (2006), enfatizam que mesmo com alta periodicidade e muitas consequências para a saúde da mulher vítima de agressão sexual, a violência segue sendo desprezada e não é elemento usual dos programas de saúde sexual, incluindo nas faculdades de medicina do Brasil. A urgência de oferecer atenção pertinente a este problema é gritante pois esta situação apresenta-se também como violação dos direitos humanos das vítimas, e o atendimento sendo apropriado poderá precaver grandes consequências e danos da violência na sociedade.

Consta-se portando, entre as falas das participantes, que as mesmas não as consideram como tendo um problema sério de psicopatologia acarretado pela violência

como enfatizado na revisão de literatura do presente trabalho, embora as participantes assumam que este fator possibilitou após o abuso, os sentimentos de forte medo e culpa por si mesma.

5.3 Percepção Psicológica

Como mencionado a priori, a partir da percepção psicológica mencionada por cada participante em suas falas nas entrevistas, observa-se pouca relação entre consequências e abuso, porém as participantes demonstram a percepção que sua vida mudou após a agressão sofrida.

Dentro destas percepções, podemos desvelar em algumas falas, percepções de psicopatologias e/ou comportamentos que tiveram depois da violência:

Depressiva eu já sou já né, já tomo um monte de remédio por causa dele (Margarida).

Eu era bem agressiva, avançava, era nervosa, só pensava em morrer não queria saber de mais nada, foi um momento bem difícil (Rosa Vermelha).

Esse ódio por esse homem que fez isso comigo, é isso que estava me matando aos poucos, eu sinto que estava eu não tinha expectativa de pensar em viver ou querer crescer na vida (Rosa Vermelha).

Destaca-se também que a maioria das participantes não tinha percepção que estavam sendo vítimas de violência e/ou abuso sexual.

O abuso sexual envolto do seio familiar é estimulado e conservado por uma complexa dinâmica. O agressor manipula seu poder como sendo o total cuidador de confiança e de afeto que a criança possui para começar um abuso de maneira escasso. Na maior parte dos casos, a criança não consegue identificar de prontidão que está sendo vítima de uma situação abusiva e nesse raciocínio acabar não revelando a ninguém de imediato (HABIGZANG et al., 2008).

Eu percebi não naquela hora né, assim, no momento não, sabe, porque naquele momento você fica tentando se defender ali então não tem tempo nem de pensar, mas quando eu acordei toda suja, quando eu vi que eu estava toda suja, e ele levantou pra ir ao banheiro eu fiquei pensando nossa como ele pode fazer isso né, se eu nem queria, se nem acordada eu estava (Margarida).

Eu não percebi, eu não fazia nem ideia do que era aquilo, então eu não sabia e fui entender também depois de muito tempo porque eu fiquei meio com receio, depois eu ia pra escola e as professoras falavam muito, então eu aprendi na escola ou pela escola da vida, na escola da vida eu aprendi muita coisa do que era o sexo, então foi onde eu percebi o que era (Rosa Vermelha).

Adeodato et al., (2005), sugerem que mulheres que passaram por violência possuem o relato de se sentirem sozinhas (solidão), tristeza crônica, desamparo, irritação e descrença, e exibem muito mais pontuações conciliáveis à depressão e má qualidade de vida em testes aplicados. Essa pesquisa corroborou esta ideia de que a violência implica em danos à saúde mental e física das mulheres, além de salientar a má qualidade de vida a que estas mulheres são incessantemente expostas.

No que tange a percepção da satisfatória qualidade de vida das entrevistadas: uma participante refere-se que “sua vida antes do abuso não era muito boa e depois ficou pior” e outras relatando que “antes era melhor”, mas que após terem tomado coragem para o enfrentamento da situação, se consideram felizes e com qualidade de vida satisfatória.

Antes, meu casamento sempre foi uma porcaria, depois ficou muito pior, porque como a cabeça de uma mulher fica né, fica uma merda (Margarida).

Antes era mais feliz, depois, agora graças a Deus, esses abusos passou sabe, mas passou porque eu sai de casa, porque se estivesse lá e estava acontecendo (Orquídea).

Sou feliz porque eu estou começando a tomar umas decisões, estou começando a decidir minha vida, começando a viver por isso que hoje eu estou feliz, porque agora eu decidi ser feliz do que remoer o passado (Rosa Vermelha).

A seguir será destacada a percepção das participantes acerca do período do abuso sofrido, quando enfatizaram não saber ao certo o tempo que passaram sendo violentadas.

5.4 Abuso e Enfrentamento

A respeito das formas de enfrentamento citada pelas participantes acerca do abuso sofrido, a maioria delas destaca ter procurado uma delegacia como forma cabível

e certa, e em outros aspectos paliativos, encontra-se fragmentos em algumas falas, sobre como elas enfrentaram a situação de violência que se encontravam.

Foi quando eu resolvi dormir no quarto separado durante sete meses eu dormi no chão, porque ele falou que quem quisesse dormir era eu e que ele não saia do meu quarto, falei então tá então eu durmo no chão, dormi no chão (Margarida).

Depois disso ainda fiquei uns três meses ainda, tolerando, pensando, maquinando como que eu ia fazer pra se ver livre dele, eu mandei ele embora, ele juntou a mala um tanto de vezes, mas ele ia à porta e voltava aí eu pensei eu mesma que vou ter que tomar essa decisão sendo que a casa é minha, eu vou ter que pagar um aluguel porque ele não trabalha, e foi aí que eu aluguei a casa aqui, vai fazer um mês que eu estou aqui (Orquídea).

Através das falas apresentadas, pode-se observar a forma singular como cada participante avalia e vivencia suas formas de enfrentamento.

Santos e Moré (2011), referem que mulheres que foram violentadas constantemente utilizam estratégias de enfrentamento como dois propósitos, um como forma de sobreviver ao relacionamento de violência onde está sendo exposta no seio familiar, e outro como maneira de conquistar a superação do episódio.

5.4.1 Violência

Dahlberg e Krug (2002), citam definição apresentada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) acerca da violência, sendo a forma do uso de força física ou poder, sobre ameaça ou em prática, contra si próprio, outras pessoas e/ou contra certo grupo ou comunidade que possa causar ou vir a causar sofrimento, morte, lesão psicológica, desenvolvimento prejudicado ou privação.

O acréscimo da palavra “poder”, adicionada à frase “uso de força física”, expande a natureza do ato violento em si e desenvolve o conceito habitual de violência para assim englobar os atos que se convertem de um vínculo de poder, implicando ameaças e intimidação (DAHLBERG, KRUG, 2002).

Com esta perspectiva dos autores, pode-se observar uma comprovação no ângulo dos discursos que se seguem:

Eu passei a apanhar dele pra ele poder me passar à mão, ele ia ao meu quarto à noite e quando ele via que eu acordava assustada ele saia do quarto (Rosa Vermelha).

Ele falava que se eu não fizesse as coisas eu iria apanhar até não poder mais, eu apanhava muito, e às vezes eu apanhava sem motivo, às vezes eu ia comer alguma coisa ele discutia e me avançava (Rosa Vermelha).

Eu não sei a reação dele, ele pode muito bem pegar uma faca porque já tinha uns dias que a gente estava discutindo, ele amolou uma faca colocou de baixo do travesseiro e meu menino encontrou a faca lá e foi e tirou escondeu a faca, então assim ele estava planejando me matar, porque ele ia estar dormindo com essa faca de baixo do travesseiro (Orquídea).

Ou seja, a explicação citada à cima sobre o poder envolve uma vasta sucessão de resultados, abrangendo a agressão psicológica, privação e o desenvolvimento insatisfatório. Ela repercute um forte interesse entre pesquisadores, a partir da necessidade de incorporar a violência, ao passo que não seja somente sofrimento ou morte, mas que, além disto, envolva significativa importância em indivíduos, famílias, comunidades e saúde pública por todo o mundo. Violências contra idosos, crianças e mulheres geram várias consequências, podendo ser físicas, psicológicas e sociais que não obrigatoriamente caracteriza como sofrimento ou morte. Portando, delinear essas consequências somente nestes termos, restringe o entendimento de comunidades em geral acerca da violência em indivíduos (DAHLBERG, KRUG, 2002).

Neste ângulo destacados pelos mesmos autores, na ressignificação da violência não ser somente envolta de sofrimento ou morte, mas se tornar sutil, trazendo para dentro da pessoa a violência psicológica, segue exemplos encontrados na pesquisa:

Ele estava sentado no sofá e falou assim, você é uma vagabunda, você é uma mulher atoa, uma mulher lá de rua é melhor do que você, você é relaxada (Orquídea).

Ele já me agrediu demais com palavras, com sexo... (Orquídea).

Ele falava assim: essa buceta só cheia de sangue eco, mas eu como assim mesmo, desse jeito, falava desse jeito, me chamava de fria, que eu era geladeira, tudo em cima de mim menina, falava que comer uma égua era melhor que me comer (Orquídea).

Com isto, observa-se que diversificadas são as formas que denotam a violência praticada contra as mulheres; muitas pessoas imaginam que a agressão acontece a todo instante em um relacionamento. Ao contrário do que elas supostamente acreditam, o

espancamento não é contínuo, e em vários momentos as violências físicas podem acontecer juntamente às violências psicológicas ou sexuais (GUIMARÃES, 2010).

5.4.2 Denúncia e Delegacia da Mulher

No enquadramento da reabertura democrática, inserida nos anos de 1980, a influência cometida pelo movimento feminista frente ao desprezo do sistema policial e da justiça no acolhimento de violência contra a mulher, criou-se as Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher (DEAM), a qual, pela iniciativa brasileira, mais tarde foi adotada em diferentes países da América Latina. Caracterizou uma “revolução simbólica”, segundo Machado (2010). Outro progresso do movimento feminista foi de assegurar que os crimes de violência sexual fossem visto contra a pessoa e não mais contra os costumes.

A peculiaridade relevante que embarca a existência da DEAM é uma construção de configuração de valores individualizados, que viabiliza a escuta e olhares opostos à relação do parâmetro masculino de entendimento acerca da violência (BANDEIRA, 2014).

De acordo com Verardo (2004), a violência que era caracteristicamente invisível e socialmente aceitável, começou a ser penalizada e inaceitável. Frequentemente vemos que a mulher não denuncia à violência sofrida, ao passo que sofre em seu silêncio por muito tempo, quando por fim decide fazer a denúncia, já possui amontoado histórico de agressões rotineiras. Assim sendo, não será a primeira violência que levará a uma queixa, e certamente, não será esta que provocou danos físicos mais graves. Os danos, muitas vezes são irreversíveis, pois, muitas mulheres buscam ajuda em delegacias quando chegam ao ponto de não conseguir mais aguentar as violências sofridas ou em risco de vida.

Procurei a delegacia pelo meu ex-marido ter me posto à mão, eu acho que se ele não tivesse me posto à mão não tinha ido, mas não foi a primeira vez lógico, e dessa vez agora foi eu ter acordado com ele arrancando minhas partes íntimas, que eu achei um absurdo sabe e com aquele fedor de rua, aquela inhaca de cachaça (Margarida).

Então foi quando meu ex-marido começou a beber e puxou um facão pra mim, aí ele pegou e eu descobri traição e fui falar com ele, ele me traiu com a filha do meu vizinho, aí eu fui falar com ele, e ele pegou e agrediu e foi pra cima de mim (Orquídea).

Observa-se que a maioria das entrevistadas já vinha passando por violência há algum tempo notoriamente, e por não conseguirem mais resolver esta situação e com esperança de alcançar uma ajuda, levou-as a procurar a delegacia da mulher para prestar queixas. Faleiros (2007), enfatiza que as denúncias são meramente uma pequena ponta de um iceberg gigantesco, e, portanto, não simboliza toda gravidade da violência presenciada pelas mulheres.

Outra forma de se denunciar encontrado entre as entrevistadas foi caracterizada pela culpa em si própria:

Foi assim, eu sentia muita culpa, fui pra tirar a culpa, porque eu me sentia tão culpada que eu não via mais solução pro meu problema, eu era muito agressiva antes de procurar a delegacia. Então eu pensei, não tem outra solução, acho que essa é a única solução depois de tanto tempo, mas foi bom ter procurado, foi bom ter tomado essa iniciativa, pra ver se eu tirava essa culpa que eu sentia muito culpada muito ódio, ou até mesmo dele, eu sentia muito ódio mesmo, ao ponto de já chegar a falar que eu ia matar ele, porque eu sentia muita raiva por tudo que ele fez (Rosa Vermelha).

Expor uma situação de violência que acontece dentro do seio familiar denota adentrar em um caminho muito difícil e delicado, o ato de revelar detalhes particulares e por vezes muito dolorosos a uma pessoa desconhecida leva a vítima se sentir ainda mais fragilizada podendo provocar outros tipos de reações e muitas vezes, reações negativas (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2002).

Então pra eu contar pra todo mundo também depois de muito tempo foi difícil e muita gente fala a isso é mentira, a você esta inventando historia, então ninguém acredita em você (Rosa Vermelha).

5.4.3 A Importância do Apoio Familiar

Quando se pensa em família, entende-se ser esta um grupo de pessoas que possuem vínculos afetivos, podendo ser de sangue ou não. É dentro dela, portanto, que todos os valores, costumes e características emocionais da nossa personalidade irão ser formados. Toda performance e disciplina das famílias alicerçam dos afetos, criando no território doméstico, um complexo movimento de competições. Esses conflitos são guiados pelas divergências de poder entre os sexos, no âmbito afetivo, instigado pela

conquista de espaços que asseguram o amor, o reconhecimento e a proteção, essas que são primordiais na existência humana (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2002).

A importância do apoio familiar para uma vítima de violência e/ou abuso sexual é muito relevante. A presente pesquisa abarca as várias formas de violências cometidas contra as mulheres e suas implicações e nas entrevistas, encontra-se manifestações das participantes acerca deste tema em especial, considerando-se uma vítima que foi violentada quando criança por seu padrasto.

Mas ninguém me apoia tipo assim, quando isso aconteceu, eu achava que ia ter mais iniciativa da minha mãe, eu esperava ela ter feito alguma coisa por mim, mas a única coisa que ela fez, foi me trancar dentro do quarto à noite, pra ele não entrar a noite nas madrugadas, aí ela me trancava dentro do quarto e falava pra mim, se ele tentar abrir a porta você não deixa, então eu não dormia a noite (Rosa Vermelha).

Observa-se neste contexto, que a vítima não possuía nenhum apoio de quem mais gostaria, considerando que família é lugar de afeto, aconchego e proteção. Com o conteúdo observado, encontramos uma questão de violência incestuosa.

O incesto é uma condição de abuso sexual com mais dificuldade de ser reconhecida. A violência pode ser cometida por um padrasto, uma pessoa cuja enteada conservou toda confiança e o elegeu para fazer o papel de seu pai. Assim, dele ela espera o carinho mais ao invés disso, o que ganha é sexo, definindo-se, portanto, uma situação incestuosa (AZEVEDO, 2001).

O apoio familiar é característico de ser insubstituível para o encaminhamento da condição de violência sofrida pela criança e pelo adolescente. O papel da mãe comporta especial relevância devido ao significado importante na preservação da noção de proteção de seu filho e filha. Este papel é estabelecido a partir dos registros históricos do levantamento cultural da sociedade aonde a mãe irá ocupar um papel de guardiã da estrutura familiar, com isto, suas experiências irão ser significativas na situação incestuosa (AZEVEDO; GUERRA, 1989 apud LIMA; ALBERTO, 2010).

Às vezes você espera apoio da sua própria família, mas é daí que não vem o apoio, não é da família que vem, você espera o apoio de uma mãe mas não é da mãe que vai vim, você espera do pai mas não é do pai que vai vim, você espera do irmão e não é do irmão que vai vim, nem de primo nem de parente nem nada, são os que mais vão te julgar (Rosa Vermelha).

Pode-se observar claramente, que as falas apresentadas entram em desacordo com o que os autores a priori mostraram. Ainda com Azevedo e Guerra, 1989 citado por Lima e Alberto, 2010, a mãe recebe uma grande responsabilidade pelos acontecimentos ocorridos dentro da família. De outro ponto de vista, a mãe também recebe julgamentos como sendo uma pessoa fraca, negligente, incapaz e com o título de conivente nos casos de abuso sexual incestuoso.

Longe do que se apresentam os autores citados acima, que independente desses discursos de conivência, culpa e cumplicidade, a maior parte das mães apresenta não estar certa que o abuso acontece, e quando sabem são elas que mais denunciam as violências ocorridas, a resposta pela falta de apoio por parte da mãe, da cumplicidade dela em relação aos abusos, norteiam uma concepção diferente, conforme apresentadas a seguir:

Eu acho que fui muito revoltada, revoltei muito, porque praticamente a minha mãe não me apoiou, ela foi à delegacia comigo eu acho que por ir, porque ela tinha acabado de separar do marido dela, mas ela não me apoiou, acho que era o apoio dela que eu esperava porque eu nunca conheci meu pai, então o apoio dela que eu esperava (Rosa Vermelha).

Eu contei pra minha mãe que ele tinha passado a mão em mim, o que ele tinha feito, mas acho que ela não acreditava, porque acho que o amor dela por ele era mais do que o amor pela filha, o amor dela foi maior do que pela filha (Rosa Vermelha).

Conclui-se por fim, que mães não necessariamente possuem o aparato de apoiar um filho quando ele mais precisa, ao contrário, neste caso específico, o que se encontra é uma mãe conivente com a situação abusiva em que sua filha era exposta.

5.4.4 A Importância do Acompanhamento Psicológico

Desenvolver uma escuta que irá possibilitar à mulher sentir-se acolhida e apoiada é um dos principais papéis que o psicólogo poderá fornecer. Nos episódios de violência, a mulher exibe baixa autoestima, falta de confiança em si própria e sem autonomia de escolher fazer suas próprias escolhas. Essa característica de se sujeitar-se ao outro que precisará ser trabalhado na psicoterapia, abarcando o livramento, recuperação e reconhecimento. O indivíduo desenvolve a superação do sofrimento

psicológico quando possui sua autoimagem em bom estado, apresentando boas tentativas de convivência afetiva quando menor, produzindo sensações de segurança e autoconfiança. Para conseguir a mudança na sua história, à mulher precisa aceitar toda história que foi constituída até o momento, para assim, a partir do momento que passará a aceitar sua própria história haverá mudanças subjetivas (HIRIGOYEN, 2006).

Quando uma mulher se submete a circunstância de violência, o acompanhamento psicológico é fundamental, pois a vítima se encontra em uma situação de vulnerabilidade e psicológico abalado (HIRIGOYEN, 2006).

Eu acho que ia me ajudar bastante, porque ali você expõe o que está te machucando, você expõe você fala e a pessoa que está te ouvindo tem um conhecimento pra te ajudar, tem uma formação pra te ajudar, e a pessoa que está com problemas que nem eu estou, vai expor os problemas, e eu acho que expor os problemas, eu expondo a outra pessoa que tem conhecimento vai saber ajudar (Margarida).

O apoio do psicólogo favorece o empoderamento da mulher para que a mesma consiga planejar saídas para a situação de violência que se encontra. Assim, as falas que se seguem corroboram a importante contribuição do profissional de psicologia para essas mulheres.

Porque assim esclarece as coisas pra gente porque às vezes a gente fica na dúvida não sabe, aí vem e esclarece (Orquídea).

Considera-se que quando existe uma situação de risco, ou quando a mulher não possui capacidades ou saberes afim de tomar decisões, o profissional deve proporcionar orientações e suporte para que então a vítima passe a compreender melhor a situação que está vivenciando, ajudando nas soluções que serão cabíveis aos seus problemas, e dando suporte para a tomada de decisões adequadas (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2002).

Acho que seria, porque na hora do nervoso, na hora que você quer conversar com alguém, por mais que tenho meu esposo, tem hora que não é bom, é bom pra desabafar, conversar, receber algum conselho muito bom. Gostaria de fazer um acompanhamento, mas ainda estou criando coragem para procurar (Rosa Vermelha).

Pode-se salientar que através da análise dos dados obtidos, em concordância com a revisão de literatura apresentada, que é de fundamental importância o acompanhamento psicológico para mulheres que já passaram ou ainda passa por algum

tipo de violência, seja física, psicológica ou sexual, posto que este tratamento especializado possa viabilizar e assegurar a reconstrução dos aspectos essenciais de sua vida que lhe foram retirados por vivenciarem situações agressivas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a complexidade cultural do tema e o contexto de violência e/ou abuso sexual contra as mulheres em nossa sociedade, é possível e claro identificar as discrepâncias entre notificações acerca da violência e o número de casos que realmente ocorre. Este fato gera uma grande responsabilidade das políticas públicas e profissionais para tratarem estes casos com maior significância e exatidão.

Ao passo que muitas são as formas de violências cometidas contra mulheres, observa-se na literatura proposta pela pesquisa, que suas nomenclaturas também são diversas, mas que compelem ao mesmo significado, como violência sexual, abuso sexual, agressão sexual e outras, tendo o mesmo sentido de violação dos direitos humanos de qualquer indivíduo.

Na perspectiva do número das participantes, foram abordadas um número reduzido de mulheres, e uma amostragem mais representativa enriqueceria a presente pesquisa no tocante à presença de psicopatologias consequentes em mulheres que passaram por violência sexual. Mas, conforme refutado a priori na pesquisa, a quantificação de fato não é essencial, pois, compele para uma maior profundidade da individualidade subjetiva do sujeito e o vínculo existente entre o objeto.

Durante o processo de captação dos dados, observou-se que o instrumento utilizado na entrevista semiestruturada foi essencial para que as participantes pudessem relatar abertamente e sem restrições de seus sentimentos, de acordo com os objetivos da presente pesquisa.

Em relação à percepção de consequências psicopatológicas que ocorrem depois da agressão sofrida, pode-se observar nas “entrelinhas”, que as mulheres participantes embora relatassem estar com o sentimento de medo, culpa e algum desamparo, estas, se consideram “normais”, após a violência e/ou abuso sofrido. Ou seja, parece haver uma percepção distorcida da situação psicológica do abuso, talvez por baixa autoestima, negação ou projeção. Por outro lado, é importante analisar tal reação como possibilidade positiva, no sentido de indicar um aspecto de superação diante da situação de violência vivenciada.

Efetivamente, as formas de enfrentamento se apresentaram na presente pesquisa, muito tímidas, de onde se conclui que na realidade, culturalmente estas mulheres, enquanto vítimas, se colocam realmente como inferiores aos seus agressores, e com a obrigação de satisfazê-los, sendo este o “seu papel social de esposa”.

Como argumentado na presente revisão de literatura, e com base nos resultados obtidos e observados desta pesquisa, corroborou-se a ausência do apoio familiar, que transcende a vítima de violência e/ou abuso sexual e a percepção da importância do mesmo, na recuperação e na possibilidade de empoderamento destas mulheres. Reconhece-se que um grupo familiar relaciona-se normalmente com sentimentos de harmonia, carinho, amor e aconchego, permeando todo o lar. No entanto, quando neste mesmo lar, existem situações desagradáveis de convivência, desinteresse por aspectos globais, sociais e culturais de seus membros, etc., estes fatos desestruturam o grupo familiar. Se acrescida a esta situação, há na família uma vítima de agressão sexual, as consequências são drásticas: esta vítima se sentirá acanhada, com medo, culpada, incapaz, gerando sentimentos de baixa autoestima até episódios de suicídio.

Por fim, em consonância com os objetivos inicialmente determinados nesta pesquisa, pode-se afirmar a essencialidade do acompanhamento psicológico para mulheres que sofrem ou sofreram abusos e/ou violências sexuais. Como salientado nos resultados, um profissional da área de psicologia, de fato, poderá aconselhar, amparar, além de oferecer uma escuta técnica, diferenciada. Uma vítima de abuso e ou violência sexual que tem a oportunidade de fazer este acompanhamento especializado, terá mais possibilidades de dirimir as questões elencadas acima, e obter o almejado apoio tão desejado por elas.

Importante ressaltar que os resultados obtidos neste trabalho confirmam resultados encontrados em diversas pesquisas sobre o mesmo tema e favorecem a compreensão acerca das várias formas de violência contra as mulheres, as possíveis consequências e a percepção que cada uma tem de si mesma, diante de um episódio tão marcante ocorrido em suas vidas.

E enfim, acredita-se na relevância deste estudo para somar dados a esta temática atual, possibilitando o aprofundamento do conhecimento das experiências de mulheres em situações de violências, permitindo avanços e efetividade das ações de apoio social a estas vítimas, sendo por meio de mediação profissional, seja na implementação das políticas públicas associadas à saúde, à segurança e aspectos psicossociais das mulheres.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, M. F. Violência e abuso sexual na família. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v.7, n.2, p.3-11, 2002.
- ADEODATO, V. G.; CARVALHO, R. R.; SIQUEIRA, V. R.; SOUZA, F. G. M. Qualidade de vida e depressão em mulheres vítimas de seus parceiros. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 108-113, 2005.
- AZEVEDO, E. C. Atendimento psicanalítico a crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual. **Psicologia: Ciência e Profissão**. Brasília, v.21, n.4, 2001.
- BRASIL (2011) **Vigitel Brasil 2010: Vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico**. Brasília: Ministério da Saúde.
- BANDEIRA, L. M. Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. **Rev. Sociedade e Estado**. Brasília, v.29, n.2, 2014.
- BERGER, S. M. D. **Violência sexual contra mulheres: entre a (in)visibilidade e banalização**. 2003. 184f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Escola Nacional de Saúde Pública – Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro – RJ, 2003.
- BORIS, G. D. J. B.; MOREIRA, V.; VENÂNCIO, N. O estigma da violência sofrida por mulheres na relação com seus parceiros íntimos. **Psicologia e Sociedade**, São Paulo, v.2, n.23, p.398-406, 2011.
- CAVALCANTE, R. B.; CALIXTO, P.; PINHEIRO, M. M. K. **Análise de conteúdo: considerações gerais, relações com a pergunta de pesquisa, possibilidades e limitações do método**. João Pessoa, v.24, n.1, p.13-18, 2014.
- CNJ – CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. **Formas de Violência**, 2006.
- DA SILVA, D, G., GAVA, L, L., DELL’ AGLIO, D, D. Sintomas e quadros psicopatológicos em supostas vítimas de abuso sexual: uma visão a partir da psicologia positiva. **Aletheia**, Canoas, n.40, abr. 2013.
- DESLANDES, S F.; LIMA, C A. A violência sexual contra mulheres no Brasil: conquistas e desafios do setor saúde na década de 2000. **Saúde Soc**, São Paulo, v.23, n.3, p.787-800, 2014.
- D’OLIVEIRA, A. F.; SCHRAIBER, L. B.; JUNIOR, I. F. Violência sexual por parceiro íntimo entre homens e mulheres no Brasil urbano, 2005. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v.42, n.1, p.128-137, 2002.
- E SOUSA, C, de M.; ADESSE, L. **Violência sexual no Brasil: perspectivas e desafios**. Brasília, p.19-25, 2005.

FALEIROS, V. P. **Violência contra a pessoa Idosa: ocorrências, vítimas e agressores.** Brasília: Universa, 2007.

FAÚNDES, A.; ROSAS, C. F.; BEDONE, A. J.; OROZCO, L. T. Violência sexual: procedimentos indicados e seus resultados no atendimento de urgência de mulheres vítimas de estupro. **Rev. Bras. Ginecol. Obstet.** Rio de Janeiro, v.28, n.2, 2006.

GABEL, M. **Crianças Vítima de Abuso Sexual.** São Paulo: Summus, 1997.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo, Editora Atlas S.A, ed.4, 2002.

GUIMARÃES, F. **“Mas ele diz que me ama...”**: impacto da história de uma vítima na vivência de violência conjugal de outras mulheres. 2010. 169f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Brasília – DF, 2010.

HABIGZANG, L. F.; CORTE, F. D.; HATZENBERGER, R.; STROEHER, F.; KOLLER, S. H. Avaliação psicológica em casos de abuso sexual na infância e adolescência. **Psicologia: Reflexão e Crítica.** Porto Alegre, v.21, n.2, 2008.

HIRIGOYEN, M. F. **A violência no Casal: da coação psicológica à agressão física.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

IBGE. 2017. Disponível em:

<https://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=314810&search=minas-gerais|patrocinio> Acesso em: 20 de outubro de 2017.

KRUG, E. G.; DAHLBERG, L. L. **Violência: um problema global de saúde pública.** Genebra: Organização Mundial da Saúde, 2002.

LIMA, J. A.; ALBERTO, M. F. P. **As vivências maternas diante do abuso sexual intrafamiliar.** Universidade Federal da Paraíba, 2010.

MACHADO, L. Z. **Feminismo em movimento.** 2ed. São Paulo: Francis, 2010.

MARINHEIRO, A. L. V.; VIEIRA, E. M.; SOUSA, L. Prevalência da violência contra a mulher usuária de serviços de saúde. **Rev. Saúde Pública**, v. 40, n. 4, p. 604-10, 2006

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Violência intrafamiliar: orientações para a prática em serviço.** Brasília, 2002.

MOURA, L. B. A.; GANDOLFI, L.; VASCONCELOS, A. M. N.; PRATESI, R. Violências contra mulheres por parceiro íntimo em área urbana economicamente vulnerável. **Rev. Saúde Pública.** Brasília, v. 43, n. 6, p. 944-953, 2009.

MORAES, R. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

OLIVEIRA, E. L.; RANGEL, C. M. F. R. B. A. **A Violência contra as mulheres:** fatores precipitantes e perfil de vítimas e agressores. *Fazendo Gênero*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 1-11, 2010.

PFEIFFER, L.; SALVAGNI, E, P. Visão atual do abuso sexual na infância e adolescência. **Jornal Pediatria**, Porto Alegre, v.81, n.5, 2005.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico:** métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. Nova Hamburgo – Rio Grande do Sul, p. 11-275, 2013.

SANT'ANNA, P. A.; BAIMA, A. P. S. Indicadores clínicos em psicoterapia com mulheres vítimas de abuso sexual. **Psicologia: Ciência e Profissão**. Brasília, v.28, n.4, p.728-741, 2008.

SANTOS, A. C. W.; MOREÍ, C. L. O. O. **Repercussão da violência na mulher e suas formas de enfrentamento**. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, v.21, n.49, p.227-235, 2011.

VERARDO, M. T. **Estudio sobre salud de las mujeres y violencia doméstica**. 2004.

WHO. **Mulheres e saúde:** evidências de hoje agenda de manha. Organização Mundial da Saúde, 2011, p.55-56.

APÊNDICES

APÊNDICE A

ROTEIRO SEMIESTRUTURADO PARA ENTREVISTA

Dados pessoais

Idade:

Escolaridade:

Ocupação:

Estado civil:

Nº de filhos:

1. Relate o que levou você a procurar a Delegacia da Mulher?

2. Fale mais sobre as circunstâncias do abuso:

3. Você percebeu imediatamente que estava sendo vítima de abuso?

Sim ()

Não ()

Por que? _____

4. Por quanto tempo você vivenciou ou vivencia esta situação?

Apenas uma vez, um dia ()

Durante alguns meses ()

Por mais de um ano ()

Não se lembra ()

5. Na situação de abuso, você sofreu violência física e/ou psicológica?

Não ()

Sim ()

Se sim, quais? _____

6. Você ficou com alguma sequela física e/ou psicológica?

Não ()

Sim ()

Se sim, quais? _____

7. Existe algum grau de parentesco entre você e o agressor?

Não ()

Sim ()

Se sim, qual? _____

8. Você ainda mantém algum tipo de contato com o agressor?

Sim ()

Não ()

Por que? _____

9. Você acha que houveram consequências psicológicas em você após o abuso?

Não ()

Sim ()

Se sim, quais? _____

10. Como você avalia o peso que este episódio tem hoje em sua vida.

1% ()

30%()

70% ()

100% ()

11. Além de procurar esta Delegacia, você avalia que enfrentou ou está enfrentando esta situação de forma adequada?

Sim ()

Não ()

Por que? _____

12. Como você avalia sua qualidade de vida antes e depois do abuso?

Muito pior ()

Pior ()

Melhor ()

Indiferente ()

13. Hoje, você se considera uma pessoa feliz?

Sim ()

Não ()

Por que? _____

14. Você faz ou já fez algum acompanhamento psicológico?

Sim ()

Não ()

Por que? _____

15. Se não, você acha que o tratamento psicoterápico seria importante para você?

Sim ()

Não ()

Por que? _____

Agradecimentos.

APÊNDICE B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPANTES MAIORES DE 18 ANOS

Eu, Paula Mariel Almeida, estudante do curso de Psicologia do Centro Universitário do Cerrado Patrocínio, convido-a a participar da pesquisa sobre **“Percepção de Mulheres sobre as Consequências Psicopatológicas do Abuso Sexual”**, que tem como objetivo analisar qual a percepção das mulheres que são vítimas de abuso sexual no passado, e as consequências deste episódio em sua vida atual, identificando a ocorrência de psicopatologias atuais nestas mulheres, verificando seus modos de enfrentamento, e também descrevendo como as mulheres com histórico de abuso sexual vivenciam hoje questões de adoecimento e/ou empoderamento.

A sua participação é voluntária, sendo sua colaboração muito importante para o andamento da pesquisa, que consiste em realizar uma entrevista semiestruturada com mulheres que procuram ajuda na delegacia da mulher, após vivenciarem um episódio de abuso sexual. Para que sejam analisados os dados colhidos na entrevista, as participantes responderão a entrevista e conforme isto for ocorrendo à pesquisadora estará anotando dados importantes. Ressalta-se que a escolha das mulheres para a pesquisa se dará através da orientação da funcionária pública da delegacia da mulher que ajudará a pesquisadora.

Será assegurado a você o anonimato, o sigilo das informações, a privacidade e todas as condições que lhe garantam a proteção à dignidade constitucionalmente assegurada. A utilização dos resultados da pesquisa será exclusiva para fins técnico-científicos. Os riscos na participação serão minimizados mediante a atuação da pesquisadora pela atenção e zelo no desenvolvimento dos trabalhos em assegurar ambiente seguro, confortável e de privacidade, evitando desconforto e constrangimento. Por outro lado, se você concordar em participar na pesquisa estará contribuindo para o desenvolvimento da ciência nesta área. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade será assegurada e mantida em absoluto sigilo. Caso concorde em participar, em qualquer momento você poderá solicitar informações ou esclarecimentos sobre o andamento da pesquisa, bem como desistir dela e não permitir a utilização de seus dados, sem prejuízo para você. Você não terá nenhum tipo de despesa e não receberá nenhuma gratificação pela participação na pesquisa.

Consentimento:

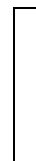
Declaro ter recebido de Paula Mariel Almeida, estudante do curso de Psicologia do Centro Universitário do Cerrado Patrocínio, as orientações sobre a finalidade e objetivos da pesquisa, bem como sobre a utilização das informações que forneci somente para fins científicos, sendo que meu nome será mantido em sigilo. Aceito participar da pesquisa por meio da realização de uma entrevista, bem como permito a utilização dos dados originados da mesma. Estou ciente de que poderei ser exposta a riscos de constrangimentos associados ao meio aceite do convite, e que poderei, a qualquer momento, interromper a minha participação, sem nenhum prejuízo pessoal. Fui informada que não terei nenhum tipo de despesa nem receberei nenhum pagamento ou gratificação pela minha participação. Declaro que minhas dúvidas foram esclarecidas suficientemente e concordo em participar voluntariamente das atividades da pesquisa.

Assinatura

da

participante:

Data: ____/____/____.

Impressão de polegar
caso não assine

Pesquisadora: Paula Mariel Almeida

Rua: Natal Cândido Alves, 40 - Marciano Brandão

Assinatura: _____

Data: ____/____/____

Orientadora: Profa. Esp. Tereza Helena Cardoso

Rua: Marechal Floriano, 378 - Centro

Assinatura: _____

Data: ____/____/____

Comitê de Ética em Pesquisa do UNICERP: Fone: (34) 3839-3737 ou 0800-942-3737

Av. Liria Terezinha Lassi Capuano, 466, Campus Universitário - Patrocínio – MG,

CEP: 38740.000

ANEXOS

ANEXO A

SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISA

D.D. Sra. Ana Claudia Pádua Passos

Delegada de Polícia Civil Titular

Patrocínio (MG), 31 de Maio de 2017.

Eu, Paula Mariel Almeida, estudante matriculada no 9º período de Psicologia do UNICERP - Centro Universitário do Cerrado – Patrocínio – sob a orientação da professora Tereza Helena Cardoso, venho solicitar a V. Sra. a autorização para coleta de dados na Delegacia Especializada de Atendimento a Mulher “Marta Regina Queiroz Elias”, com a finalidade de realizar pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharelado em Psicologia, intitulado “PERCEPÇÃO DE MULHERES SOBRE AS CONSEQUÊNCIAS PSICOPATOLÓGICAS DO ABUSO SEXUAL”, cujo objetivo é analisar qual a percepção das mulheres que são vítimas de abuso sexual no passado, e as consequências deste episódio em sua vida atual, identificando a ocorrência de psicopatologias atuais nestas mulheres, verificando seus modos de enfrentamento, e também descrevendo como as mulheres com histórico de abuso sexual vivenciam hoje questões de adoecimento e/ou empoderamento. Conforme V.Sra. pode observar um tema importante nos dias atuais, já que o número de mulheres vítimas de abuso sexual na infância é representativo, podendo gerar desdobramentos nos serviços de atendimento da rede pública. Um estudo desta natureza, com certeza produzirá maior conhecimento, compreensão e otimização nos resultados obtidos para este tipo de demanda existe no Município de Patrocínio.

Os dados serão coletados mediante realização de entrevista com mulheres em situação de vivência de abuso sexual, mulheres estas que serão maiores de dezoito (18) anos e com a total ética que o curso explicita; para tal pretende-se entrar em contato

com as mesmas mediante claro consentimento das participantes que receberão nomes fictícios. Quanto ao local e resultante da entrevista, tais itens serão definidos pelas participantes.

Reitera-se o comprometimento de disponibilização para esta Instituição dos dados obtidos, resultantes da pesquisa, juntamente com o Trabalho de Conclusão de Curso.

Sem mais para o momento, agradeço a atenção e colaboração de V.Sra., para esta importante etapa de meu curso de Graduação em Psicologia.

Atenciosamente,

Paula Mariel Almeida

Eu, Tereza Helena Cardoso, responsabilizo-me pelo trabalho científico da aluna Paula Mariel Almeida.

Tereza Helena Cardoso

Dados da Instituição:

Endereço: Rua Heloisa Capuano, 816 – São Lucas.

Patrocínio – MG, 38740-000

Telefax: 3831-3522/3831-9599

ANEXO B – AUTORIZAÇÃO DA DELEGADA DE POLÍCIA CIVIL TITULAR

**POLÍCIA
CIVIL**
MINAS GERAIS

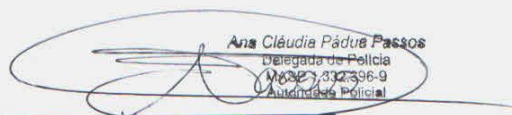
10º DEPARTAMENTO DE POLÍCIA CIVIL
2ª. DELEGACIA REGIONAL DE PATOS DE MINAS

DECLARAÇÃO

Declaro, para os devidos fins, que a pesquisadora Paula Mariel Almeida, portadora do RG nº MG-15.057.543, CPF 112.813.066-14, juntamente com a Professora Esp. Tereza Helena Cardoso, portadora do RG nº M- 2252531 CPF 431.220.006-87, está autorizada a realizar levantamento de dados na Delegacia Especializada de Atendimento a Mulher Marta Regina Queiroz Elias, com a finalidade de realizar seu trabalho de conclusão do curso de Psicologia, do UNICERP – Centro Universitário do Cerrado - Patrocínio.

Declaro ainda ter conhecimento da pesquisa a ser realizada e de ter sido previamente informada de como serão utilizados os dados colhidos nesta instituição.

Patrocínio, 01 de junho de 2017.


Ana Cláudia Pádua Passos
Delegada de Polícia
M632,332,396-9
Autoridade Policial

Ana Cláudia Pádua Passos
Delegada de Polícia Civil Titular

ANEXO C – APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA



**COORDENADORIA DE PESQUISA E EXTENSÃO DO UNICERP
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DO COEP/UNICERP
PROTOCOLO DE ENCAMINHAMENTO DE PROJETO DE PARA
APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES
HUMANOS**

1. PROJETO DE PESQUISA:

20171450 Psi 017

1.1. TÍTULO DO PROJETO:

Percepção de mulheres sobre as consequências psicopatológicas do abuso sexual.

1.2. PESQUISADOR RESPONSÁVEL:

Nome: Tereza Helena Cardoso
Identidade: M- 2252531 CPF: 431.220.006-87
Endereço: Rua Marechal Floriano, 378 – Centro
Correio eletrônico: terezacardoso@unicerp.edu.br
Telefone: (34) 3831-2513 Fax:

1.3. INSTITUIÇÃO RESPONSÁVEL:

UNICERP - CENTRO UNIVERSITÁRIO DO CERRADO PATROCÍNIO

1.4. PROJETO APROVADO EM

Recebido no COEP/UNICERP em: 08/06/2017 Para o relator em: 14/06/2017

Parecer avaliado em reunião de: 05/07/2017

Aprovado: 05/07/2017

Não aprovado: / /

Diligência/pendências: 20/06/2017

Diretor(a) da Unidade

Angela M. Drumond Lage
Profa. Msc. Angela M. Drumond Lage
COEP/UNICERP